



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Amapá /IFAP
Pró-reitoria de Ensino – Universidade Aberta do Brasil /UAB
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Juziane Pereira da Costa
Vangelina Souza dos Santos Silva

**A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A Importância do Afeto para o Ensino Aprendizagem**

Pedra Branca do Amapari

2022

Juziane Pereira da Costa
Vangelina Souza dos Santos Silva

**A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A Importância do Afeto para o Ensino Aprendizagem**

Trabalho apresentado como requisito avaliativo da disciplina Seminário TCC III, ministrado pela professora formadora; Karine Campos Ribeiro do curso de Licenciatura em Pedagogia em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professora orientadora; Sandra Maria Nascimento de Mattos.

Pedra Branca do Amapari

2022

Juziane Pereira da Costa
Vangelina Souza dos Santos Silva

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia submetida como requisito avaliativo para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil. ----- Apresentado pela disciplina, Seminário TCC III.

Prof. Formadora: Karine Campos Ribeiro

Prof. Orientadora: Sandra Maria Nascimento de Mattos

Prof. Tutor a Distância: Karina Coelho de Sena

Prof. Tutor Presencial: Raimundo Rodrigues de Almeida Neto

Coordenadora de Curso: Cristina Coutinho

À Deus nosso criador e a nosso Senhor Jesus, que foi magnífico em sua criação. Nos deu o fôlego de vida que em mim me foi sustento e me deu coragem e disposição para questionar realidades incertas e propor sempre um mundo novo de possibilidades. À minha família que é minha base, meu porto seguro onde desfruto meus deleites nos mais sinceros amores.

Dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ter abençoado nossas vidas com saúde, paz e muita força de vontade para seguirmos com nossa trajetória dentro do curso e após ele. Agradecemos ao nosso Senhor Jesus por esse presente recebido, que sem dúvida é obra de seu poder. À minha família que é minha base, em especial meu esposo Magno Silva, que sempre me apoia e me incentiva nos momentos de desânimo e esteve comigo durante todo esse percurso. Aos meus filhos Lucas Willamy dos Santos e Mateus Willyan dos Santos que também estiveram ao meu lado para tudo. As minhas filhas Hemilly Maira dos Santos e Hevillyn Maiara dos Santos, que apesar de serem muito novinhas já reconhecem e apoiam todo meu esforço e dedicação para alcançar minha graduação. Agradeço imensamente a minha mãe por ter me ensinado a ter princípios, a ser forte e a lutar pelos meus sonhos, ela é a mulher em quem me espelho e a quem devo tudo o que sou, minha rainha, minha guerreira, ela é tudo. Agradeço aos meus irmãos por sempre acreditarem em mim toda vez que me falavam: “*você é capaz*”, obrigada minha família.

Agradecemos aos nossos professores tutores: Karina Coelho de Sena e Raimundo Rodrigues de Almeida Neto, por todo o apoio, dedicação e paciência em nos auxiliar durante todo o decorrer do curso, a nossa professora formadora: Karine Campos Ribeiro e a nossa querida orientadora prof. Sandra Maria Nascimento de Mattos que nos orientaram com tanta dedicação, sendo pessoas extremamente pacientes e atenciosas para conosco, agradecemos a todos os nossos professores que dedicaram-se em nos ensinar e a compartilhar seus conhecimentos e experiências com todos nós, tanto aqueles que foram super gentis e flexíveis quanto aqueles que foram super linha dura; pois toda cobrança e exigência, serviu como incentivo para fazer com que nós buscássemos dar o nosso melhor.

Agradecemos a todas as nossas colegas acadêmicas por terem estado presentes em todos os momentos do acontecer do curso, tanto em tempos de alegria quanto em tempos de dor. E por fim, agradecemos a todos que contribuíram direta ou indiretamente da nossa formação e de alguma maneira fizeram parte de nossas vidas e deixaram suas marcas nelas.

Nosso muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar e discutir a importância da temática: A Afetividade na Educação Infantil, temática essa que é de fundamental importância para os profissionais dessa área, bem como a importância do professor no desenvolvimento e na abordagem da afetividade. Pois, falar de Educação Infantil requer a expressão clara e sincera sobre afetividade na prática pedagógica. O profissional que se preocupa com sua prática, busca conhecimento para desenvolver um excelente trabalho junto as crianças. Para compor este trabalho, buscamos por algumas concepções de afetividade e algumas considerações sobre Educação Infantil. A fundamentação teórica está amparada na visão de grandes teóricos renomados que defendem o assunto, como: *Piaget, Freire, Vygotsky, Wallon, Lisboa*, entre outros; que abrangem a avaliação de quando e como a afetividade deve ser utilizada como ferramenta de aproximação entre professor e aluno, e, a importância da conscientização dos educadores sobre a abordagem da mesma em suas práticas pedagógicas. Para isso também nos apoiamos em entrevistas realizadas com profissionais da área e com pais de alunos dessa faixa etária de aprendizagem. Trata-se de um estudo descritivo de caráter qualitativo e com cunho bibliográfico, onde utilizamos como instrumento de pesquisa, um questionário que foi aplicado aos sujeitos estudados, bem como as pesquisas realizadas em bancos de dados e bibliotecas virtuais. O resultado da pesquisa mostrou que os profissionais da Educação Infantil, assim como os pais dos alunos, consideram a afetividade uma ferramenta essencial e indispensável no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, seus benefícios são de total importância para a formação pessoal e social do indivíduo. Os objetivos trazem: a cooperação, tolerância, amizade, solidariedade, gosto pelo ensino, respeito e a interação satisfatória entre aluno e professor. Este trabalho foi de suma importância para nossa formação, permitindo-nos pesquisar sobre um tema tão prazeroso e gostoso de aprender, é muito gratificante constatar que os profissionais da Educação Infantil a cada dia buscam capacitar-se, empenhando-se cada vez mais para se tornarem os melhores em sala de aula, superando seus medos e desafios para serem profissionais de excelência.

Palavras-Chave: Afetividade - Desenvolvimento – Aprendizagem – Educação Infantil

ABSTRACT

The present work aimed to analyze and discuss the importance of the theme: Affectivity in Early Childhood Education, a theme that is of fundamental importance for professionals in this area, as well as the importance of the teacher in the development and approach of affectivity. Because talking about Early Childhood Education requires a clear and sincere expression about affectivity in pedagogical practice. The professional who cares about his practice, seeks knowledge to develop an excellent work with children. To compose this work, we searched for some conceptions of affectivity and some considerations about Early Childhood Education. The theoretical foundation is supported by the vision of great renowned theorists who defend the subject, such as: Piaget, Freire, Vygotsky, Wallon, Lisbon, among others; which cover the assessment of when and how affectivity should be used as a tool to bring teachers and students closer, and the importance of raising awareness among educators about approaching it in their pedagogical practices. For this, we also rely on interviews conducted with professionals in the area and with parents of students in this learning age group. This is a descriptive study of a qualitative nature and with a bibliographic nature, where we used as a research instrument, a questionnaire that was applied to the subjects studied, as well as research carried out in databases and virtual libraries. The result of the research showed that the professionals of Early Childhood Education, as well as the parents of the students, consider affection an essential and indispensable tool in the process of development and learning of children, its benefits are of total importance for the personal and social formation of the individual. The objectives bring: cooperation, tolerance, friendship, solidarity, taste for teaching, respect and satisfactory interaction between student and teacher. This work was of paramount importance for our training, allowing us to research on a topic so pleasant and pleasant to learn, it is very gratifying to see that professionals in Early Childhood Education every day seek to train themselves, striving more and more to become the best in the classroom, overcoming their fears and challenges to be professionals of excellence.

Keywords: Affectivity - Development - Learning - Early Childhood Education

LISTA DE ABREVEATURAS

SIGLA	DEFINIÇÃO
E.M.E.F.	Escola Municipal de Ensino Fundamental
IFAP	Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Amapá
UAB	Universidade Aberta do Brasil
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso



SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
2- METODOLOGIA.....	11
2.1- Contexto de Pesquisa.....	12
2.2- Sujeitos de Pesquisa.....	13
2.3- Instrumentos de Pesquisa.....	13
3- CONCEPÇÕES DE AFETIVIDADE.....	16
4- CONCEITOS SOBRE APRENDIZAGEM.....	21
4.1- Aprendizagem e Desenvolvimento.....	24
5- CONSIDERAÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	24
5.1- Considerações Históricas sobre Educação Infantil.....	26
5.2- O que a Educação Infantil deve proporcionar.....	27
5.3- Educação Infantil e Aprendizagem.....	28
6- BNCC – A EDUCAÇÃO INFANTIL NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	30
6.1- A Educação Infantil no Contexto da Educação Básica.....	31
6.2- Direitos de Aprendizagem na Educação Infantil.....	32
7- AFETO E APRENDIZAGEM.....	34
7.1- A Afetividade e a Autoestima.....	36
7.2- Afetividade e Autoestima no Âmbito escolar.....	37
7.3- A Afetividade e o processo de Aprendizagem na visão de Henri Wallon...38	
7.4- A Teoria de Desenvolvimento de Henri Wallon.....	41
8- OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO.....	42
9- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
10- REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano está articulado diretamente a nossa imersão e convivência no mundo social, o qual somos submetidos e que se dá nos primeiros anos de vida. O que aprendemos e a forma como aprendemos quando experimentamos nossos primeiros contatos com os meios sociais e escolares, são fundamentais para o nosso desenvolvimento futuro, nossas percepções, estruturações e convívio.

O estudo da primeira infância tem propiciado os mais significativos avanços da compreensão dos acontecimentos no desenvolvimento infantil, no comportamento, no ajustamento, (ou desajustamento) das crianças com relação ao seu ingresso na sociedade; sabendo-se que a família é o primeiro núcleo social ao qual somos pertencentes desde o nascimento, e que é desse núcleo que trazemos todas as marcas do nosso desenvolvimento, sejam elas boas ou ruins; vamos analisar e compreender como deve se dar o ingresso da criança nos demais meios de convívio.

Espera-se que dessa forma, possamos lançar um olhar diferenciado acerca do trabalho docente na Educação Infantil, quanto a importância da afetividade na relação professor e aluno, bem como na realização das atividades escolares. A instituição escolar que recebe uma criança, seja ela creches ou pré-escola, deve atentar-se para esse momento em especial, pois o mesmo representa uma certa ruptura da relação das crianças com os pais e seu lar por um determinado período de tempo, onde os profissionais devem perceber que não se trata somente da integração, interação e adaptação da criança nesse novo espaço, mas, trata-se também da consolidação dos vínculos afetivos para que o processo de desenvolvimento da criança aconteça.

Diante do exposto, o objetivo do estudo é analisar a importância da afetividade na Educação Infantil, assim como conscientizar o educador sobre a importância da abordagem da mesma no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Os objetivos específicos abrangem a necessidade da afetividade para a aplicação das metodologias existentes na ludicidade, onde a interação entre professor e aluno é mais eminente. Enfatizando como a afetividade pode trazer resultados satisfatórios para o crescimento da criança, pois as trocas de afeto na primeira infância, seja com familiares, colegas e com professores, são as primeiras relações de uma criança; então, a maneira com que essas relações são cultivadas as ensinam a interagir, se comunicar e a desenvolver empatia.

2. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo, de caráter qualitativo e de cunho bibliográfico, uma vez que a interpretação dos fenômenos e a atribuição dos significados estão ancorados no processo desse tipo de pesquisa. Tem caráter investigativo, cujo relatos foram observados, registrados e analisados através de estudos em bancos de dados e bibliotecas virtuais, entrevistas e questionários que foram aplicados à profissionais da área da Educação Infantil e aos pais de alunos da mesma. Com base fundamentada em autores que defendem a afetividade na Educação Infantil; dentre as referências teóricas, adotou-se para análise neste estudo as produções de Wallon (1986), Freire (1996), Vygotsky (1998), Piaget (1999), entre outros. De acordo com esses autores, a afetividade é indispensável para o ato de ensinar, facilitando o processo de aprendizagem. Para tanto, buscou-se analisar o conceito de afetividade na Educação Infantil através do viés de doutrinas que abordam o assunto. Na educação escolar, aspectos como o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina, são meios de conseguir o autocontrole consciente e subconsciente do educando.

“O espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação a nós próprios, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento (Wallon, 1986, p. 33)”

Em segundo momento, busca-se relacionar o papel da afetividade no desenvolvimento lógico do ser humano, estabelecendo relações entre os estágios de desenvolvimento cognitivo e a afetividade. Estimular nos alunos desde o início da infância valores que tenham uma boa socialização, é tarefa fundamental para seu desenvolvimento; portanto abordaremos a afetividade nos seus mais diferentes aspectos, enfatizando como ela acontece na relação professor e aluno e sua importância para o aprendizado. Não é fácil, apesar de vários estudos voltados a esse assunto; diante da revisão de leitura foi possível verificar que muito já se avançou nessa área, mas na prática esse avanço ainda é pouco perceptível, o que muito ainda se vê, são relações entre professor e aluno baseadas n`um contrato didático fechado e sem liberdade para que esse aluno possa manifestar suas concepções.

Assuntos como: autoestima, professor e aluno e formação integral do indivíduo, são temas relevantes a serem tratados dentro da perspectiva afetiva, bem como os estudos científicos de educadores que fizeram história e são considerados grandes nomes relacionados a esses assuntos no meio educacional.

2.1 Contexto de pesquisa

A pesquisa fundamentou-se na E.M.E.F São Pedro, que está localizada na cidade de Pedra Branca do Amapari – AP (Rua: Francisco Brás, nº 345 – Bairro Central. CEP: 68945-000. TEL: 96 98806-9452. INEP: 16009088, localização urbana. Dependências administrativas municipal. Etapas: Ensino Infantil, Ensino Fundamental. Modalidades: Ensino Regular e EJA. E-mail: escolaspedro@hotmail.com) onde foi possível observar dentro de um determinado período, o comportamento dos envolvidos; porém, tudo aconteceu de maneira bem delimitada devido ao período pandêmico que estamos vivenciando. As aulas acontecem de maneira remota, apenas alguns dias da semana, acontecem aulas presenciais para um número restrito de alunos em caráter de reforço escolar. Dessa forma, para alcançarmos nossa meta de pesquisa, foi preciso nos apropriarmos dos recursos tecnológicos a que temos acesso para entrevistar os sujeitos de pesquisa e para a aplicação do questionário disponibilizado aos mesmos para a obtenção de dados. Constatou-se que a afetividade tem sido assunto frequente entre os profissionais docentes, por terem observado que o ensino afetivo tem tido resultado significativo no desenvolvimento das crianças, por ajudá-las a se sentirem seguras e acolhidas. O foco, é a formação desses infantis no aspecto afetivo, social e cognitivo.

Diante dos argumentos ressaltados, levantamos o seguinte questionamento: Qual o verdadeiro significado do afeto para a formação e desenvolvimento da criança na Educação Infantil e como a afetividade pode contribuir no processo de aprendizagem? Posteriormente veremos as respostas para esse questionamento.

O objetivo geral da pesquisa está na reflexão sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento da criança da Educação Infantil.

Os objetivos específicos consistem em: 1- contextualizar a prática pedagógica no ambiente de aprendizagem infantil, 2- analisar sistematicamente a base teórica sobre os conceitos de afetividade e Educação Infantil, 3- enfatizar momentos favoráveis das práticas docentes em relação a afetividade.

Pretende-se concretizar, que a afetividade na Educação Infantil contribui para a criação de um espaço agradável e harmonioso em sala de aula, este ambiente é responsável por despertar nas crianças a curiosidade e o prazer por aprender, influenciando positivamente no processo de aprendizagem; pois sabemos que todo ser humano precisa de limites, mas também precisa de carinho e amor.

2.2 Sujeitos de pesquisa

Os sujeitos de pesquisa envolvidos neste trabalho foram em primeiro momento a E.M.E.F. São Pedro, que com muito apreço nos permitiram realizar nossos estudos e pesquisas em seu ambiente escolar, inclusive foi onde realizamos nosso primeiro estágio na Educação Infantil anos iniciais; uma escola muito acolhedora e prestativa em seu trabalho pedagógico, tendo seu corpo físico formado por: 12 salas de aulas, coordenação pedagógica, diretoria, secretaria, sala de atendimento especializado em educação especial, corredores e refeitório amplos, banheiros acessíveis aos alunos portadores de necessidades especiais e uma quadra esportiva. A escola também é formada por um corpo docente constituído por uma diretora, uma secretária escolar, três coordenadores pedagógicos, vinte e oito professores, oito agentes administrativos, seis merendeiras e oito serventes, contando também com a colaboração dos serviços de dois agentes de portaria e três vigilantes. Toda essa equipe de trabalho está distribuída nos três turnos em que a instituição oferece seu funcionamento.

Em segundo momento, os sujeitos envolvidos na pesquisa foram, professores atuantes na área da Educação Infantil, pedagogas e diretora da escola em questão, bem como alguns pais de alunos dos referidos anos. Através dos diálogos desenvolvidos com estes sujeitos, pode-se constatar que todos concordam que a afetividade tem um caráter superimportante para a aquisição e aprendizagem dessas crianças no ambiente escolar e no meio social a qual estão inseridas. Porém, alguns ressaltam que na prática, o exercício da afetividade na Educação Infantil ainda tem sido muito insuficiente. Procuramos abordar minuciosamente o território, os sujeitos de pesquisa e os instrumentos utilizados para tornar verídica nossas considerações e perspectivas, com o objetivo de contribuir com o interesse daqueles que consideram importante a temática sobre a Afetividade na Educação Infantil.

2.3 Instrumentos de pesquisa

Em situação de pandemia em que nos encontramos, foi preciso nos apropriarmos dos recursos tecnológicos ao qual temos acesso para tornar possível a concretização desta pesquisa. Sem esses aparatos tecnológicos, seria quase que impossível a realização do nosso trabalho. Utilizamos os meios de comunicação como: notebook e celular, para realizar as entrevistas e diálogos que se fizeram necessários para a obtenção de dados da pesquisa. Através do aplicativo whatsapp foi possível realizar as entrevistas e aplicar o questionário que foi desenvolvido para os sujeitos com os seguintes questionamentos:

Questionário de coleta de dados:

A maioria dos sujeitos responderam aos questionamentos da seguinte maneira:

1- De acordo com seu entendimento, o que vem a ser afetividade?

A afetividade é um termo que deriva da palavra afeto, que significa afeição e que abrange todos os fenômenos afetivos. É a capacidade individual de experimentar todo um conjunto de sentimentos que consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. É a demonstração do sentimento de querer bem, ter carinho ou cuidado com o outro, sendo responsável por criar laços entre as pessoas. Podemos constatar que a afetividade é rica em benefício de aquisição e aceitação do outro, pois quando se tem afeto, não se faz acepção de pessoas.

2- Qual a importância da afetividade para o desenvolvimento humano?

A afetividade tem um importante papel no desenvolvimento humano, com significado determinante no processo de aprendizagem, por estar presente (ou não) em todas as fases da nossa vida, sendo determinante para o crescimento e desenvolvimento cognitivo e social. A afetividade potencializa o ser humano, assim como a falta dela o enfraquece. Podendo revelar seus sentimentos mais sinceros referente a outros seres e objetos. Qualquer ser humano precisa de limites, mas, também de carinho e amor, por que a afetividade além de mediar o aprendizado, ela possibilita as relações interpessoais, fortalecendo os laços de amizade e possibilitando a existência do respeito e confiança.

3- Qual a importância da afetividade na Educação Infantil?

A afetividade na Educação Infantil contribui para um ambiente escolar agradável oportunizando uma boa aproximação entre professor e aluno, bem como a interação harmoniosa entre as crianças e os demais participantes dessa rede, este ambiente é responsável por despertar nas crianças a curiosidade e o prazer por aprender, influenciando positivamente no processo de aprendizagem. Permite a criança uma aquisição menos dolorosa na sociedade escolar, uma vez que, é na Educação Infantil onde acontece a primeira separação dela com o seio familiar. A criança que é recebida com afeto, sentira-se mais segura e propicia a ingressar nesse meio social que é totalmente novo para ela. Há uma grande importância da afetividade na Educação Infantil, pois a mesma possibilita um aprendizado eficaz, fortalecendo as emoções e a autoconfiança. Segundo Wallon (1995), a criança por sua vez é um ser dotado de afetividade.

4- Qual a importância do vínculo afetivo na Educação Infantil?

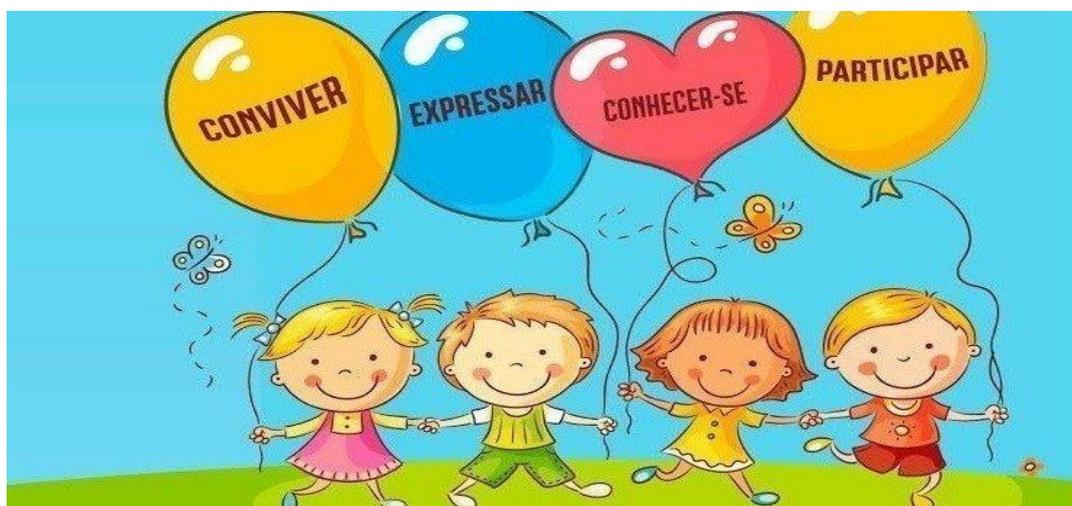
Todos os sujeitos consideram que o vínculo afetivo na Educação Infantil promove o desenvolvimento cognitivo e pessoal da criança com mais leveza e cumplicidade, a criança passa a sentir-se mais solta, se relaciona com mais facilidade, desenvolvendo melhor suas habilidades estudantis; por isso é tão importante que o afeto esteja presente nessa etapa da vida dos educandos, para sua integração no meio social em que convive. A afetividade é um dos principais fatores que favorecem o desenvolver da criança, contribuindo com uma excelente aprendizagem, despertando nelas a curiosidade por aprender. No entanto foi enfatizado que a afetividade não significa bajular, dar beijos ou passar a mão na cabeça quando se faz travessura, no sentido de superproteção, mas sim, para fazê-la com que se sinta segura, acolhida e valorizada no ambiente escolar, propiciando-lhe uma base educacional responsável e comprometida com seu futuro.

5- Como você ver a abordagem da afetividade na Educação Infantil em tempos de pandemia?

Os relatos a esse questionamento foram surpreendentes; uma vez que todos os sujeitos concordam que em meio a pandemia as crianças ficaram mais vulneráveis e inquietas, principalmente pelo afastamento brusco que sofreram do ambiente escolar. No momento em que milhares de crianças passavam pelo processo de familiarização com os estabelecimentos de ensino, foram surpreendidas pelo isolamento ao qual todos fomos submetidos, e, sem entender nada do que estava acontecendo, elas foram obrigadas a ficar em casa e adaptar-se com um sistema de aprendizagem totalmente novo para muitos. Nesse momento onde o medo do desconhecido tomou conta de todos, é muito importante que o professor busque comunicar-se com esses infantis de forma diferente, abordando não apenas a parte didática pedagógica, mas também o lado pessoal e humano, perguntando-lhes como foi seu dia, como está sua família, se ela está bem e feliz, se tem se comunicado com seus coleguinhas, dentre outros fatores; isso fará com que a criança sinta que o professor se importa com ela e quer vê-la bem, independentemente da situação que estamos vivenciando; é de extrema importância que as crianças sintam-se acolhidas e salvas de toda essa situação; para tanto, é preciso que toda a equipe pedagógica estejam engajadas em oferecer aos alunos um método onde possa se respirar amor, carinho e cuidado, a afetividade é a principal ferramenta para alcançar esse objetivo. É muito importante que a criança tenha um espaço agradável, no qual essa relação entre aluno e escola possa se desenvolver de maneira satisfatória. Infelizmente, algumas respostas não foram tão positivas, alguns relatos foram de descaso, tanto com o ensino-aprendizagem, quanto com

o bem-estar das crianças; na maioria das vezes não se ouviu falar em afetividade, muito menos de senti-la durante esse período, no que se refere a realidade desses infantis.

Muitos não têm acesso à internet ou condições de ter um aparelho de celular para acompanhar as aulas remotas, ficando assim, a parte da situação, onde tiveram acesso as atividades pedagógicas de forma impressa que foram entregues em suas residências, não pelo professor, mas por pessoas que não desenvolvem o trabalho docente pelo qual elas esperavam. Essas crianças sentiram na pele o impacto da pandemia, que afetou fortemente seu desenvolvimento; nesse momento, o que todos almejamos é que tudo volte ao normal, e que possa ser reversível os efeitos nocivos que a pandemia deixou nos pequeninos da primeira e da segunda infância, enquanto mantiveram-lhes afastadas do ambiente escolar. Elas só querem poder voltar a estudar, a pintar, a brincar com os coleguinhas, a sentir o afeto do professor, a correr na hora do recreio e comer aquele lanche gostoso que a tia da merenda faz na escola; elas querem interagir com as pessoas que formam o corpo escolar e de vez em quando, arranjar uma briguinha com algum coleguinha, o que é totalmente natural para as crianças, pois isso também faz parte do seu desenvolvimento. As crianças estão sentindo falta dessa interação; é esse o sentimento que a afetividade deve causar nos alunos, o amor pelos estudos.



3. CONCEPÇÕES DE AFETIVIDADE

As concepções sobre Afetividade exigem de nós uma reflexão intensa sobre o tema, que apesar de ser muito discutido no meio pedagógico, sempre tem algo novo a acrescentar; os profissionais da Educação Infantil precisam estar atentos sobre as constantes atualizações dessa

temática, pois sua prática está totalmente interligada ao contexto da afetividade em sala de aula junto as crianças. É sempre importante enunciar sobre afetividade, mesmo que não seja uma tarefa fácil, onde a subjetividade é o elemento principal; no entanto, o espaço escolar é um ambiente que necessita de afetividade, principalmente no que se refere a Educação Infantil, onde o vínculo afetivo é inicialmente constituído. Segundo Wallon (1879-1962), o termo “Afetividade” se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento.

A afetividade é um estado psicológico humano que pode ou não ser modificado a partir das situações. Segundo Piaget (1999), tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida. Diretamente ligada a emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e a forma com que se manifestam dentro dele; dessa forma, a presença ou ausência do afeto determina diretamente em como o indivíduo se desenvolverá, muito determinante também, para a autoestima das pessoas a partir da infância, pois quando uma criança recebe afeto, ela consegue crescer e desenvolver-se com segurança e determinação. A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos por influenciar o aspecto cognitivo, o comportamento e o desenvolvimento geral.

A afetividade segundo Wallon: Henri Wallon inovou ao colocar a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento. Grandes estudiosos já atribuíram importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão. Ao estudar a criança, ele não coloca a inteligência como principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões – motora, afetiva e cognitiva -, que coexistem e atuam de forma integrada. Wallon defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente que o afeta de alguma forma. Ele nasce com um equipamento orgânico que lhe dá determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam.

Assim como Piaget, Wallon divide o desenvolvimento em etapas, que para ele são cinco: impulsivo-emocional, sensório-motor, personalismo, categorial, puberdade. Ao longo desse processo, a afetividade e a inteligência se alternam. Wallon mostra também que a afetividade é

expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo; a emoção, segundo o educador, é a primeira expressão da afetividade, ela tem uma ativação orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. O sentimento por sua vez, tem um caráter mais cognitivo, ele é a percepção da sensação e surge nos momentos em que a pessoa consegue falar sobre o que lhe afeta, já a paixão tem como característica o autocontrole em função de um objetivo.

Pelo fato de ser mais visível que as outras manifestações, a emoção é tida por Wallon como a forma mais expressiva de afetividade e ganha destaque dentro de suas obras. Ao observar as reações emotivas, ele encontra indicadores para analisar as estratégias usadas em sala de aula. Quando o professor consegue discernir o que ocorre quando o aluno está desmotivado por exemplo, ele pode conseguir usar essa percepção a favor do conhecimento, estimulando o cognitivo da criança através do lúdico. Não se pode falar em afetividade sem falar de emoção e as relações afetivas não podem ser ignoradas, pois estão presentes no desenvolvimento e fazem parte da natureza humana, podendo interferir de forma significativa nos processos de construção do ser.

É possível pensar a afetividade como um processo amplo que envolve a pessoa em sua totalidade. Na constituição da estrutura da afetividade, contribuem de forma significativa as diferentes modalidades de descarga de tónus, as relações interpessoais e a afirmação de si mesmo, possibilitadas pelas atividades de relação. (WALLON, 2010, p. 14)

A afetividade e a construção de sujeito na psicogenética de Wallon: Na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto na construção da pessoa quanto do conhecimento (La Taille, 1992 p. 85), para este pensador a emoção ocupa papel mediador. O processo de desenvolvimento infantil acontece nas interações que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas; como também a construção de novas relações sociais. As interações devem estar pautadas na qualidade de ampliações dos horizontes da criança e levá-la a transcrever sua subjetividade ao inserir-se no meio social. Na concepção de Wallon tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo do educando para melhor estimular seu crescimento individual.

Os estudos de Wallon são referências principais no que concerne sobre afetividade, pois sua concepção de desenvolvimento abrange de forma integral as dimensões intelectuais, cognitivas e motora. Quando o educador enfatiza que a afetividade é um processo amplo e total do ser humano, somos arrebatados pela reflexão que nos leva a pensar, nas relações que são

constituídas desde o ventre de nossa mãe; relações essas, que são responsáveis pela construção do caráter e pelos princípios adquiridos ao longo dos anos. A importância da relação afetiva no processo de desenvolvimento humano, refere-se à capacidade do indivíduo em ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações externas quanto internas, constatando-se como um dos funcionalismos da pessoa na construção do conhecimento e de seu desenvolvimento.

Outro nome importante que agrega a afetividade como elemento essencial no desenvolvimento humano é Vygotsky:

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação professor e aluno (VYGOTSKY, 1998, P.42).

Segundo Vygotsky, a afetividade vai além de sentimentos de amor, ternura e carinho; ela está relacionada a emoção, estados de humor, motivação, atenção, personalidade, temperamento, dentre outros fatores. Ela exerce papel fundamental nas relações, influenciando o interesse na aprendizagem, autoestima, memória, percepção, nas vontades e ações, favorecendo a construção da personalidade humana. Vygotsky (1998), propôs a construção de uma nova psicologia, fundamentada no materialismo histórico e dialético; aprofundou seus estudos sobre o funcionamento dos aspectos cognitivos, mais precisamente as funções mentais e a consciência. Vygotsky usa o termo função mental para referir-se a processos como pensamento, memória, percepção e atenção. A organização dinâmica da consciência aplica-se ao afeto e ao intelecto; La Taille (1992).

Vale destacar que para Vygotsky (1998, 2001, 2004) o desenvolvimento do indivíduo é um processo construído pelas relações estabelecidas no contexto histórico e cultural em que o mesmo está inserido. A construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação social, portanto, é a partir da inserção na cultura que a criança vai se desenvolvendo (TASSONI, 2000), uma vez que as interações sociais são responsáveis pela aquisição do conhecimento construído ao longo da história.

Piaget e a Afetividade na Educação Infantil: Piaget (1999, p. 22), aponta que “existe com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual”; assim o educador deve trabalhar a afetividade da criança, desse modo se desenvolverá a intelectualidade dela. Ao falar de afetividade na relação entre aluno e professor, é necessário articular com emoções,

motivação, postura de conflito do eu do outro e disciplina. Em todo o meio do qual a criança faça parte, seja família, escola ou outro ambiente, estas questões estão sempre presentes.

Atualmente são vistos com frequência em sala de aula conflitos, alunos desafiando o educador, diante disso, é de extrema importância uma boa relação afetiva para contornar esses desafios de convivência. Quando em sala de aula se tem uma relação de confiança, o ensino se torna mais eficaz e prazeroso, o aluno tem mais disposição para aprender e os educadores se sentem mais motivados. Assim, em seu trabalho cotidiano o professor deve atuar de modo que alguns sentimentos e emoções não se façam presentes:

Evitar despertar nas crianças determinados sentimentos negativos, como hostilidade, desprezo, ciúme e inveja que em nada contribuem para o convívio em sociedade, despertando a cooperação e não a rivalidade. A família e escola tem uma participação íntima, pois são um meio favorável à aprendizagem de sentimentos que marcam a vida da criança. Por isso já nos primeiros anos escolares, o professor deve ser competente em preparar a criança para viver em coletividade (Almeida, 2008, p.353).

Conforme Piaget (1976), o afeto é fundamental para ocorrer o desenvolvimento do raciocínio e inteligência: “vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo o intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização”. Assim é que não poderia raciocinar sem vivenciar certos sentimentos, e, por outro lado, não existem afeições sem o mínimo de compreensão (Piaget, 1976, p.16).

Percebe-se assim a importância do papel da afetividade na construção do processo de ensino-aprendizagem. ela favorece um ensino que levanta questionamentos, participações e relações sociais entre os sujeitos, tornando-se um impulso para que haja interesse nas ações e atividades propostas.

A afetividade na visão de Paulo Freire: Paulo Freire é um grande educador brasileiro que valoriza o processo de afetividade no desenvolvimento, onde discute em seu livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” a importância dos pequenos gestos, palavras e olhares de respeito e de qualificação do professor com seu aluno. “este saber, o da importância dos gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos que refletir seriamente”. Freire ressalta nesse contexto, a importância

da compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança, na formação do educando.

É fato que aprender não é um processo fácil, devemos querer e estar preparados para receber o novo conteúdo e instruções. Um ambiente marcado pela afetividade, cercado de vivências prazerosas e de relações positivas, se torna propícia para o aprendizado acontecer de forma leve, significativa e onde o aluno não se sinta oprimido. De acordo com Freire, a opressão é um dos fatores que interferem negativamente no aprendizado da criança, impondo obrigações que acabam coibindo o prazer e a motivação de aprender. Nesse mesmo sentido, Antunes (2007), afirma que a afetividade e as relações sociais estão intimamente ligadas, pois o trabalho pedagógico se torna difícil, e, por vezes infrutífero, se o professor e o aluno não tiverem um envolvimento emocional satisfatório. Relembrem sua infância e momentos na escola. Quantas vezes tivemos aulas com professores que estavam ali apenas para lecionar e não se envolviam com a turma? No geral são aulas menos atraentes e onde conquistamos as notas mais baixas.

A concepção de afetividade na visão de Paulo Freire, vai além do íntimo do ser, quando ele coloca que a afetividade se trata dos pequenos gestos, palavras e olhares de respeito e admiração. Em muitos casos, é apenas disso que uma pessoa precisa, saber que o outro se importa. “Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição do educando por si mesmo “(FREIRE, 1999:47). É de grande valia, ao buscarmos fundamentação teórica e científica sobre afetividade no processo educativo, encontrar em um educador como Paulo Freire a identificação do pensamento pedagógico expresso em palavras. O professor (principalmente o da educação Infantil) não deve preocupar-se somente a ensinar o aluno a ler e escrever, mas é preciso que ele se aplique no desenvolvimento afetivo do aluno, usando do mesmo afeto para formar crianças que posteriormente se tornarão cidadãos, pois o amor é a força que impulsiona e incentiva o progresso contínuo e qualquer criança que esteja passando por dificuldades, se tiver uma demonstração de afeto e dedicação, poderá ter um futuro esplendoroso.

4- CONCEITOS SOBRE APRENDIZAGEM

A aprendizagem é ação que está relacionada com o ato de aprender, que estabelece ligações entre estímulos e respostas, provocando o envolvimento e adaptação dos seres humanos ao meio que o envolve. A aprendizagem se dá desde os primeiros momentos de vida, quando um bebê nasce e aprende a chorar, a olhar, a mamar, quando ele dá seus primeiros

passinhos, fala suas primeiras palavras, tudo isso é aprendizagem, quando o ser humano passa a conviver no espaço em que habita.

Como um fenômeno que faz parte da pedagogia, a aprendizagem é uma modificação comportamental do indivíduo em função das experiências adquiridas em seu meio social. A aprendizagem escolar se define pelo caráter sistemático e intencional da organização das atividades, inseridas em um quadro de finalidades e exigências determinadas pela instituição de ensino. Os estudos sobre aprendizagem e as teorias que se formam em torno da mesma, tiveram forte repercussão na pedagogia, resultando na desmistificação do ensino tradicional. O ponto central do processo de ensino-aprendizagem possui a ser o aluno enquanto agente da sua própria aprendizagem, deixando assim de ser o agente passivo do ensino tradicional ministrado pelo professor.

Paulo Freire dá sua contribuição para a formação de uma sociedade democrática ao construir um projeto educacional libertador. O que existe de mais atual e inovador no método Paulo Freire é a indissociação da construção dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita do processo de politização. Uma das premissas do método em questão é que não existe educação neutra; a educação é uma construção e reconstrução contínua de significados de uma dada realidade. Ela prevê a ação do homem sobre essa realidade.

Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que capta em constante devenir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na ação. Banha-se permanentemente de temporalidade cujos ricos não teme.
FREIRE (1987, p. 47)

Freire enfatiza que ambos, professores e alunos, são transformados no processo da ação educativa e aprendem ao mesmo tempo em que ensinam, sendo que o reconhecimento dos contextos e histórias de vida neste diálogo se desdobra em ação emancipadora. Quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a ressignificação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas. Nos bastidores da aprendizagem há a participação, mediação, e interatividade, porque há um novo ambiente de aprendizagem, remodelação dos papéis dos atores e coautores do processo, desarticulação de incertezas e novas formas de interação mediadas pela orientação, condução e facilitação dos caminhos a seguir.

Segundo Piaget, a aprendizagem é um processo que só tem sentido diante de situações de mudança, por isso, aprender é, em parte, saber se adaptar a estas novidades. Segundo ele, a aquisição de conhecimento acontece por meio de experiências adquiridas em um contexto no qual se está inserido. Para o estudioso, a formação do conhecimento humano depende da interação entre o indivíduo e o ambiente em que ele vive.

O processo para uma boa aprendizagem, depende de vários fatores, dentre os quais os mais prementes são: o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, perspectivas futuras de vida do aluno. Nos dias atuais, a escola não pode mais ser considerada como uma simples máquina de alfabetização. Sua função não se restringe mais como antes, à modesta tarefa de ensinar, sua tarefa é bem mais ampla e profunda; ela deve levar o aluno a ser mais crítico, mais comprometido e mais otimista em relação à aprendizagem. Suas responsabilidades são bem maiores agora, além de instrumento de formação física, intelectual e moral, cabe-lhe a missão de promover a integração harmoniosa do educando no seio da comunidade, fornecendo-lhe todos os elementos para que se possa tornar um fator de progresso individual e social.

Assim a aprendizagem é um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento geral do indivíduo será resultado de suas potencialidades genéticas e, sobretudo, das habilidades aprendidas durante as várias fases da vida. A aprendizagem está diretamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo. O modelo de ensino e aprendizagem de David P. Ausubel (1980), caracteriza-se como um modelo cognitivo que apresenta peculiaridades bastante interessantes para os professores, pois centraliza-se, primordialmente no processo de aprendizagem tal como ocorre em sala de aula. Para Ausubel, aprendizagem significa organização e interação do material aprendido na estrutura cognitiva, estrutura esta na qual essa organização e interação se processam.

Psicólogos e educadores têm demonstrado uma crescente preocupação com o modo como o indivíduo aprende e, desde Piaget, questões do tipo: “Como surge o conhecer no ser humano? Como o ser humano aprende? O conhecimento na escola é diferente do conhecimento da vida diária? O que é mais fácil esquecer?” atravessaram as investigações científicas. Assim deve interessar à escola saber como os alunos elaboram seu conhecer, haja vista que a aquisição do conhecimento é a questão fundamental da educação formal. As principais teorias da aprendizagem abordam três aspectos:

- **Cognitivo** – trata-se do conjunto de habilidades mentais necessárias para construção do conhecimento como, pensamento, raciocínio, memória, linguagem e abstração.
- **Afetivo** – a assimilação do conhecimento ocorre com base em experiências internas, como sensações de prazer, satisfação e bem-estar, relacionadas ao vínculo existente entre o objeto de estudo e o seu mediador.
- **Psicomotor** – envolve respostas musculares adquiridas através de treino e prática, utilizando a linguagem corporal como mediador desse processo.

Um conceito generalista de aprendizagem a define como um processo de aquisição ou modificação de conhecimentos, competências, habilidades e comportamento, onde o objetivo é a adaptação do indivíduo ao ambiente em que está inserido.

4.1 – Aprendizagem e Desenvolvimento

Segundo Vygotsky o aprendizado vem antes do desenvolvimento, ou seja, a aprendizagem desde o nascimento da criança, o que esta aprende, é a base fundamental para o desenvolvimento. Para Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio de relações sociais, de suas intenções com os outros indivíduos e com o meio em que vive.

Descobrimos que a aprendizagem está sempre adiante do desenvolvimento, que a criança adquire certos hábitos e habilidades numa área específica antes de aprender a aplica-los de modo consciente e arbitrário (Vygotsky 2000, p. 322).

Além de Vygotsky, vários outros teóricos explicam que, as teorias da aprendizagem buscam reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e aprender, partindo do pressuposto da evolução cognitiva do homem, tentam explicar a relação entre o conhecimento pré-existente e o novo conhecimento, onde a ligação entre o desenvolvimento e aprendizagem são forças complementares dentro da esfera organizacional do indivíduo, pois a aprendizagem colabora para sua capacidade de executar, enquanto o desenvolvimento o supri de habilidades para realizar suas tarefas com talento e qualidade.

5 – CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil, é a etapa inicial da educação básica, atende crianças de zero à cinco anos. Na primeira fase de desenvolvimento, que vai de zero a três anos, as crianças são assistidas nas creches ou instituições equivalentes. A partir daí, até completar seis anos, frequentam pré-

escolas. Esta organização reflete uma mudança de concepção acerca das creches; em vez de serem consideradas como ação de assistência social ou de apoio a mulheres trabalhadoras, estas instituições passam a fazer parte de um percurso educativo que deve está articulada aos outros níveis de ensino e se estender por toda a vida.

Antes de tudo, a Educação I infantil deve atuar sobre dois eixos fundamentais: a interação e a brincadeira. A proposta pedagógica e as atividades devem considerar esses eixos. O ambiente escolar também deve refletir essa preocupação. A indicação é que o espaço seja dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível para os pequeninos. Estes critérios lembram que as crianças tem direito a brincadeira, à atenção individual, à um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, à higiene e à saúde, à uma boa alimentação, entre outros fatores. Atualmente, é consenso que a infância é uma etapa essencial para o desenvolvimento dos pequenos e tem suas particularidades, sendo repleta de descobertas que são determinantes para a formação da vida adulta. Isso significa que todas aquelas primeiras vivências e experiências têm um grande peso nos aspectos físico, psicológico, afetivo, social e cognitivo desses infantes.

Falar de Educação Infantil é muito complexo e deve ser tomado como um processo em que a família, escola e sociedade em geral participem e mais do que apenas compartilhem de um momento do desenvolvimento infantil, todos tem responsabilidade na formação socioeducacional, ou seja, interferem direta ou indiretamente na formação da criança enquanto sujeito individual e coletivo. A Educação Infantil, trabalha os aspectos integradores do desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, sociais e afetivas, considerando que esta etapa de ensino é a primeira experiência mais intensa das crianças fora do convívio familiar.

Na Educação Infantil, as crianças vivenciarão uma série de experiências inéditas, aprendendo sobre a dimensão de mundo e suas diversidades e vivências. Ainda que as escolas usem, para essa faixa etária, meios lúdicos e menos didáticos (pautados em conteúdos), essa fase começa a apresentar às crianças o meio formal da educação. Porém não se pode pensar na Educação Infantil, apenas centrada na escola, pois todo o aprendizado é interligado, ou seja, todas as vivências em casa, nas brincadeiras ou qualquer outro ambiente fora da escola é parte dessa construção socioeducacional. Exatamente por essa dimensão além da sala de aula, a educação (e não somente a infantil) tem dado cada vez mais espaço para a noção interacionista da formação, que pode ser entendida, como uma interação constante do sujeito e o meio. Assim, todas as vivências afetam o desenvolvimento dos pequenos. Sabendo que esse desenvolvimento não é linear e presumível, como muitas vezes se esperam, é essencial (sobretudo na Educação

Infantil, que tem um peso grande no restante da vida) que se dê centralidade à criança enquanto sujeito de sua formação, assim deve-se trabalhar de modo que as abordagens e experiências oferecidas, considerem essas especificidades e subjetividades.

Dessa forma, considerar o processo formativo infantil, é abranger as dimensões sociais, culturais e individuais, compreendendo a interdependência delas e de que forma afetam a construção dos educandos.

5.1 – Considerações históricas sobre educação infantil

A compreensão da historicização da Educação Infantil, revela-se como um aspecto importante a ser considerado nos estudos que se dedicam à construção de propostas de trabalho pedagógico para esta etapa, visto que ao longo dos anos diferentes concepções acerca da criança, da sua aprendizagem e de seu desenvolvimento forma se constituindo histórica e socialmente. Tais concepções servem tanto de base como de influência para as práticas pedagógicas na Educação Infantil, bem como para as políticas educacionais atuais. De acordo com Oliveira (2012), na segunda metade do século XIX devido à abolição da escravatura, a migração de grande parte da população da zona rural para a zona urbana, e as altas taxas de mortalidade infantil, apareceram as primeiras intensões em se criar espaços para atendimento às crianças. Estas primeiras iniciativas de caráter assistencialista, surgem com o objetivo de combate à pobreza, sendo consideradas pelo poder público, como ato de caridade. Por volta de 1875, por influencia europeia, surgiram os primeiros “jardins de infância” promovidos pela iniciativa privada e só por volta de 1896 é que foram criados os primeiros espaços públicos para atendimento à infância.

Nesta época a Educação Infantil, surge com características diferentes relacionadas a classes sociais, onde os atos de cuidar e de educar eram dissociados, sendo o primeiro destinado às crianças pobres caracterizada, segundo Oliveira (2012) por uma educação compensatória. Por sua vez, o segundo seria destinado as crianças da classe dominante (BRASIL, 2009).

O reconhecimento das creches e pré-escolas como um direito social, ocorre somente com a promulgação da Constituição Federal de 1988, na qual a Educação Infantil passa a ser assegurada pelo estado. Com isso, deve-se o início da construção de uma nova identidade, seja de caráter assistencial ou preparatório para as etapas posteriores de escolarização (BRASIL 2009). Este período marca o início de um processo, ainda que embrionário, de uma valorização do trabalho pedagógico na Educação Infantil, em que surgiram ao mesmo tempo, projetos políticos pedagógicos mais sistematizados e discussões sobre a preocupação com a saúde da

criança. A carta Magna traz um conjunto de direitos sociais até então esquecidos pelo poder público, colocando em evidência o reconhecimento do direito da criança à educação e o dever do estado na garantia do seu cumprimento.

De acordo com Barbosa (2015), com a aprovação da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 (LDBEN/96), e a inserção da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, houve a possibilidade de uma grande expansão de creches e pré-escolas. A partir daí, políticas públicas educacionais passam a ser definidas para essa etapa e há uma reflexão sobre sua função. Neste percurso, é possível identificar que a Educação Infantil é recente dentro da história da educação brasileira, fazendo parte de um contexto de lutas de classes cuja função vem passando por diferentes mudanças. Nesse sentido, definir as características e os princípios básicos da Educação Infantil, considerando a legislação vigente e os avanços das produções teóricas a respeito das singularidades das crianças, seu desenvolvimento, aprendizado e necessidades, significa avançar no entendimento da criança como sujeito de direitos.

5.2- O que a educação infantil deve proporcionar

Para oportunizar um pleno desenvolvimento infantil, considerando as dimensões físicas, cognitivas, emocional, social, cultural e afetiva, a educação deve abranger essas esferas e trabalhar de forma articulada com todas elas. É preciso também romper com a noção de uma educação fragmentada e desarticulada, pois todos esses aspectos são interdependentes, não se pode falar em desenvolvimento cognitivo sem abordar também o desenvolvimento da autonomia e pensamento crítico da criança. Por essa noção ganhar cada vez mais força, as bases curriculares trabalham com um processo interacionista da educação. Dentre muitas considerações do processo formativo, algumas que ganham destaque são:

A centralidade da brincadeira: Mesmo quando se fala em educação formal, aquela que ocorre dentro da sala de aula, envolvendo conteúdos didáticos, não se pode afastar a centralidade do ato de brincar, pois além de ser um espaço de lazer para as crianças, ela é também uma ferramenta própria dos pequeninos para aprenderem a lidar e interagirem com o mundo.

Educação múltipla e integral: A diversidade faz parte da vida, e na Educação Infantil ela ganha uma expressividade enorme, sobretudo quando se considera as vivências na escola. Como esse é o primeiro ambiente fora do núcleo familiar, e onde geralmente os pequenos confrontam, pela primeira vez, com pensamentos, vivências e desejos diferentes dos seus,

construir uma formação baseada no reconhecimento e respeito a essa diversidade é fundamental.

Interdependência de formação: Outro aspecto importante é incluir aspectos físicos, emocionais, cognitivos, afetivos e sociais, ou seja, não é possível singularizar a formação, pois ela é a essência de um processo contínuo entre os vários aspectos da vida. Assim, as experiências cognitivas tem relações com as sociais e afetivas e quanto mais houver reforço para essa interdependência, mais completo será esse momento formativo.

Educação para o mundo: Cada vez mais, fala-se em uma formação múltipla, que vá além do conteúdo, onde os alunos consigam vivenciar na escola (e fora dela) um aprendizado interconectado com suas realidades, de modo que sejam capazes de fazer conexões entre o que aprenderam interconectados com suas famílias, de modo que sejam capazes de fazer conexões entre o que aprenderam e o mundo.

A criança como sujeito do processo formativo: A Educação Infantil é muito mais do que um processo de ensinamentos como falar, ler, calcular... o processo que considera multiplicidade do ser humano deve focar, em primeiro momento, na subjetividade da criança, ou seja, não adianta a educação infantil projetar uma série de dinâmicas afetivas, sociais e cognitivas se tudo não estiver focado para a interação desses processos com a própria criança. Assim, mesmo em uma sala de aula é preciso um olhar atento e singular a cada um desses alunos, considerando suas limitações, desejos, personalidades e habilidades, centrar no sujeito enriquece as relações, torna os saberes mais ricos e consolidados, dando significados mais amplos a qualquer experiência.

A Educação Infantil é um momento de intensos aprendizados que irão refletir por toda a vida dos educandos, por isso, é essencial um olhar atento e múltiplo a essa fase, considerando tanto as experiências formais da educação (ou seja, dentro de sala de aula), quanto aquelas não formais (como em casa, nas brincadeiras, etc...).

5.3 – Educação infantil e aprendizagem

Desde o maternal, os alunos são estimulados a práticas que valorizam suas ações, assim os pequeninos podem adquirir habilidades que vão gradativamente, possibilitando que eles subam os degraus do conhecimento, do desenvolvimento, de sua autonomia e aprendizagem diante das situações e desafios que surgem em suas vidas. Pois todo ser humano precisa passar por diversas situações e percorrer diversos caminhos, para a aquisição de experiências que

favorecerão sua aprendizagem e desenvolvimento e, possibilitarão que ele tenha uma visão de mundo coerente à sua realidade social.

É importante ressaltar que os resultados desse processo, se constituem em estabelecer habilidades e competências aos alunos, que posteriormente serão imprescindíveis para as etapas futuras de suas vivências, uma vez que todos esses resultados acompanham uma faixa etária determinante, que marcam importantes aquisições como: percepção, aspecto cognitivo, a psicomotricidade, o pensamento lógico, a compreensão das experiências vivenciadas, entre outros. O ambiente escolar é essencial para possibilitar essas competências, através das estratégias estabelecidas pelo corpo pedagógico, que visam trabalhar todos os aspectos responsáveis por constituir a aprendizagem da criança. É durante a infância que desenvolvemos as maneiras de interagir com as pessoas que participam do nosso contexto pessoal, desde bebês, pode-se observar essas habilidades pelo simples fato de sorrir e levantar as mãozinhas para as pessoas. As habilidades cognitivas adquiridas na infância, são extremamente importantes, pois as mesmas possibilitam as condições necessárias que as crianças precisam para lidar com diversas situações recorrentes ao seu redor.

A educação infantil representa um dos ciclos mais importantes na formação dos alunos, é nesse momento onde a aprendizagem das crianças se ampliam, pois elas passam a adquirir novos conhecimentos todos os dias, tendo a chance de desenvolver uma série de habilidades e competências fundamentais para sua vida. Por conta disso, o desafio dos educadores é de promover uma aprendizagem ativa e significativa para os pequenos desde o primeiro dia de aula. Mesmo com a abordagem lúdica essencial nessa fase, é importante que a equipe pedagógica tenha um plano bem estruturado para que a criança possa de fato conquistar aprendizados importantes para sua formação. Para isso vamos conhecer alguns critérios importantes para a promoção da aprendizagem na Educação Infantil:

Valorização das Linguagens: A educação infantil é um momento de descobertas, por isso, a aproximação dos pequenos com conteúdos essenciais para o desenvolvimento cognitivo é muito importante. Parte desse trabalho é realizado por meio da ampliação da linguagem oral e contato inicial com a linguagem escrita convencional; processo que será intensificado nas séries iniciais do Ensino Fundamental por meio da alfabetização. Além disso, na Educação Infantil deve-se considerar outras linguagens que ajudarão na formação integral da criança, como as artes plásticas, música, educação física, etc.

O lúdico como forma de promover uma aprendizagem ativa e significativa: As instituições de ensino que utilizam a aprendizagem ativa e significativa como forma de

abordagem, costumam priorizar a descoberta, o lúdico, o compromisso com o trabalho e a ampliação as relações com a criança.

Para aproximar os aprendizados do universo do aluno, a escola mostra aos pequenos diferentes formas de se brincar, compartilhando os brinquedos e as descobertas com os colegas de classe. O professor, atua como mediador da experiência. Uma simples brincadeira bem mediada pode proporcionar ensinamentos importantes como:

- Cooperação
- Divisão de tarefas
- Compartilhamento de espaço e objetos
- Respeito ao próximo
- Resiliência
- Autocontrole

Desenvolvimento do perfil investigativo: Boa parte dos aprendizados adquiridos na Educação Infantil ajudam a compor o perfil do estudante nos ciclos subsequentes. Por isso, desenvolver o gosto pela investigação do mundo natural e social é importante para que as crianças cresçam curiosas e críticas. A escola deve propor atividades, como jogos simbólicos e “faz de conta”, que estimulem os pequenos a investigarem, perguntarem e experimentarem. Assim, aos poucos, o aluno se apropria dos conteúdos e valores criados pela cultura, como participante criativo e criador. Vimos que inserir os alunos de forma ativa no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil é essencial para que os pequenos conquistem uma aprendizagem significativa.

6-BNCC- EDUCAÇÃO INFANTIL NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A expressão educação “pré-escolar”, utilizada no Brasil até a década de 1980, expressava o entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independentemente e preparatória para a escolarização, que só teria seu começo no ensino fundamental. Por tanto, não fazia parte da educação formal. Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero à seis anos de idade torna-se dever do Estado. Posteriormente com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E a partir da modificação na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os seis anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero à cinco anos.

Entretanto, embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de quatro e cinco anos com Emenda Constitucional nº 59/2009, que determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos quatro aos dezessete anos. Essa extensão da obrigatoriedade é incluída na LDB em 2013, consagrando plenamente a exigência de matrículas de todas as crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil. Com a inclusão da Educação Infantil na BNCC, mais um importante passo é dado nesse processo histórico de sua integração ao conjunto da Educação Básica.

6.1 – A educação infantil no contexto da educação básica

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. O ingressar da criança nesta primeira etapa da educação, na maioria das vezes, significa a primeira separação das mesmas com seus vínculos afetivos familiares para serem incorporadas a uma nova socialização.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente familiar e no contexto de sua comunidade, e, articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar, como a socialização, a autonomia e a comunicação. Desse modo, para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentimentos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas

quais podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A interação durante o brincar, caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e brincadeiras entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica proposta pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-las, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

6.2- Direitos de aprendizagem na educação infantil

A BNCC da Educação Infantil, apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que asseguram as condições necessárias, para que as crianças aprendam a se desenvolver integralmente, são elas: *Brincar – Conviver – Participar – Explorar – Expressar-se – e conhecer-se*. Dessa forma, a base não se limita somente aos conhecimentos sistemáticos, mas acolhe a criança como sujeito central e ativo na construção do conhecimento.

Artigo 29. A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

- **Conviver:** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar:** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar:** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto a realização das atividades da vida

cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

- **Explorar:** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

- **Expressar:** como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

- **Conhecer-se:** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos, apropriando-se do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve ressaltar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola.

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam a criança conhecer a si mesmo e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas.

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. Ainda é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação das trajetórias de cada criança e de todo o grupo, suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizados. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos, tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou

classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças.

A criança é um ser social dotado de particularidades, por isso merece um olhar diferenciado; sabemos que antigamente a criança era vista como um adulto em miniatura, e, que sofria todo tipo de atrocidades na escola. A noção de infância é algo recente, e ainda dentro da nossa realidade, temos consciência que muitas crianças ainda não sabem o que é ter uma verdadeira infância. Porém, nossas discussões estão fundamentadas exatamente para essa intervenção, para que a Educação Infantil seja de melhor qualidade, voltada para as ações afetivas junto as crianças, oportunizando uma aprendizagem significativa e um desenvolvimento íntegro.

7- AFETO E APRENDIZAGEM

A afetividade é um aspecto muito importante para o equilíbrio e a harmonia da personalidade, uma criança bem estimulada afetivamente ao chegar na vida adulta, terá maior capacidade para conviver com as negatividades da vida, tendo determinação e confiança no seu próprio potencial. O estímulo afetivo deve acontecer tanto no convívio familiar quanto escolar; não falo de crianças mimadas, que acham que poderão ter tudo nas mãos, mas, de pessoas que ao desenvolver-se em ambientes seguros e afetivos, saibam ser gratos pela vida e à respeitarem os espaços e as diferenças das outras pessoas, sendo um indivíduo íntegro e empático para a vida em sociedade.

A atitude do professor e a sua didática em sala de aula, influencia diretamente a percepção de mundo da criança, como diz Paulo Freire: *“Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se sabe com quem está falando. (Freire, 1999)”*

O afeto não pode ser arrogante, o diálogo é uma das dimensões mais fundamentais do processo educativo, o equilíbrio da afetividade e a maneira como o professor concebe seu significado, pode auxiliar ou inibir a curiosidade do educando. A aprendizagem deve ser prazerosa e estimulante, levando ao aluno a querer aprender mais. Educar com afetividade exige respeito aos saberes com os quais o educando já chega na escola e a relação com o ensino do conteúdo escolar. Quando os alunos se sentem respeitados, inicia-se um ciclo produtivo de

aceitação e confiança, eles sentem-se seguros, o que lhes permitem maior participação em classe sem medo de cometer erros.

Alguns educadores ainda se prendem a ideia de que, não há necessidade de acolher o aluno afetivamente, que basta transmitir-lhes conteúdos pedagógicos de maneira eficiente, concentrando-se apenas no desenvolvimento intelectual de seus alunos; desenvolvimento esse que por sua vez, vem norteado de fragmentações. A escola que conhecemos atualmente, com regras, conteúdos programáticos, seriada, critérios cronológicos, etc... é algo articulado devido ao novo sentimento e olhar dos adultos para com as crianças, onde há ênfase da capacidade intelectual sobre a autonomia afetiva. A psicologia passou a ser de grande importância para os estudos sobre como as crianças aprendem e constroem conhecimentos, passou a ser fator intrínseco na vida infantil. O reconhecimento da individualidade da criança, de suas necessidades e vontade própria, implicou necessariamente o repensar da prática educativa, bem como sua condição psicológica propôs a psicologia como como superação de caráter dicotômico que por muito tempo fundamentou sua base teórica.

Muitos teóricos afirmam que a afetividade é o berço da socialização do indivíduo, é através dos vínculos afetivos que são transmitidos os primeiros ensinamentos as crianças; da mesma forma a Educação Infantil também se torna o berço da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo dos infantis; pois é a partir dessa fase que as crianças são inseridas na comunidade escolar e são submetidas à um novo convívio social. Por isso, a emoção é responsável por grande parte do desenvolvimento dessas crianças nos anos iniciais; surgiu então a grande importância da afetividade para a Educação Infantil, pois é nesse período que elas precisam de uma atenção especial daqueles que o cercam e que são responsáveis pelo seu bem estar. A afetividade na escola vem à complementar a afetividade existente ou não no seio familiar, tornando-se de suma importância para o desenvolvimento cognitivo e social dos discentes. A presença ou ausência de um vínculo afetivo, com toda certeza fará toda a diferença na vida das crianças no futuro, seja de maneira positiva ou negativa; de certa forma os profissionais da Educação Infantil, juntamente com todo corpo pedagógico escolar, são de maneira direta e indireta responsáveis pela concretização desses resultados.

Barbosa (2020, s. p.), citando Antunes afirma que:

o ser humano nasce extremamente imaturo, para sua sobrevivência, necessita da presença do outro e essa necessidade é traduzida como amor. Por outro lado, o instinto de sobrevivência e a percepção da necessidade de proteção fazem com que a mãe e o pai apresentem também o sentimento de amor pelo filho e a reciprocidade desse amor

do filho e dos genitores funde-se ocasionando a afetividade. Esse sentimento não se manifesta apenas entre filhos e pais; ela pode se fazer presente em vários outros grupos sociais a qual somos pertencentes ao longo da vida.

Ainda, de acordo com Antunes (2008, p. 1),

A origem biológica da afetividade, como se percebe, destaca a significação do “cuidar”. O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza. Percebe-se, portanto, que a afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que o sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e aprofundo. A afetividade ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência.

Nesta linha, Barbosa (2020, s. p.) ressalta que:

O ser humano necessita se relacionar com o outro, só assim procura maneiras de melhorar suas relações, que deram origem às regras, que posteriormente viraram leis que auxiliam esse processo. Com a evolução da cultura humana, a afetividade passou a ter grande importância nas relações interpessoais. A afetividade começa no âmbito familiar com o nascimento; esses laços afetivos duram a vida toda, sendo transmitido para o outro. Desde os primórdios, as relações entre professor-aluno foram e continuarão a ser motivo de preocupação das pessoas relacionadas com a educação, visto que esses sentimentos são mecanismos fundamentais para a sobrevivência da humanidade.

Como pode-se constatar a afetividade é um caminho para o bem-estar no âmbito escolar e nas relações entre as pessoas no ambiente escolar.

7.1- A afetividade e a autoestima

Barbosa (2020, s. p.) entende “[...] a afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos experimentados e vivenciados sob a forma de emoções e de sentimentos de dor, prazer, satisfação, agrado, desagrado, alegria ou tristeza”. Já Wallon, citado por Galvão (1995) entende a afetividade em três momentos diferentes: emoção, sentimentos e paixão. Diante desses

autores, podemos constatar que a afetividade favorece a aprendizagem, já que ele pode expressar-se por meio das emoções, dos sentimentos e da paixão. Esses mecanismos se apresentam na expressão facial e corporal dos estudantes. Desde que nasce as pessoas expressam sua afetividade.

A autoestima de acordo com a psicologia, pode expressar reações positivas ou negativas, já que é a imagem que cada um faz de si. De acordo com Zaguri (2007, p. 2):

Autoestima (autoimagem ou amor próprio) é a forma pela qual o indivíduo percebe seu próprio eu, é o sentimento de aceitação ou rejeição da sua maneira de ser. Se a pessoa se ver de forma positiva, valorizando suas características, podemos dizer que tem autoestima elevado ou positiva. Se, ao contrário, ela não se aceita ou não se valoriza, se há inconformidade consigo mesma, dizemos que tem baixa autoestima ou autoestima negativa.

Nessa lógica, a autoestima envolve a afetividade de quem percebe a si próprio, o que significa que essa pessoa pode aceitar-se como é ou não, a depender de como se vê.

7.2 Afetividade e autoestima no âmbito escolar

A criança quando vai para escola tem que se adaptar a um novo meio, o escolar. Ela vai adaptando-se as regras e condutas escolares, ao mesmo que encontrará novos amigos. Barbosa (2020), ao citar Pilette reconhece a importância desse novo meio para a formação de vínculos afetivos, os quais influenciam o desenvolvimento de sua autoestima e de sua identidade. Barbosa (2020, s. p.) constata que:

A criança passa a conhecer o mundo através de suas relações com o outro. Pois é nas interações sociais que a criança tem acesso aos instrumentos e aos sistemas de signos que possibilitam o desenvolvimento de formas culturais de atividades, permitindo estruturar a realidade e o próprio pensamento. A escola é um espaço importante de trocas de um com o outro, promovendo o desenvolvimento e aprendizado da criança.

Chalita (2001, p. 153) reforça esse entendimento, quando afirma que: “o professor é a referência, o modelo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno com problema”. Em seu entendimento, Barbosa (2020, s. p.) parafraseia Chalita ao sugerir que:

Pode-se constatar que o clima afetivo escolar é de ajuda mútua, que valoriza o aluno, respeita seu ponto de vista e estimula sem pressionar, está nutrindo o desenvolvimento de sua autoestima e ensinando o prazer de aprender. Portanto, a relação afetiva do professor pode fazer o aluno se sentir valorizado (alimentação psicológica) ou diminuído (desnutrição psicológica), isso vai depender do estado do desenvolvimento de sua autoestima. Uma boa escola é aquela que leva o indivíduo a descobrir a alegria de ser e o entusiasmo em viver, pois não existe pessoas felizes sem a autoestima de querer-se bem (Chalita, 2001)

O desenvolvimento de qualidades como criatividade, imaginação, cooperação, empatia vão ajudar na relação entre os estudantes e o professor. Além disso, favorece o desenvolvimento da autoestima. É compreendido que a escola tem papel fundamental no desenvolvimento socioafetivo dos estudantes no estabelecimento da inter-relação com os outros que compõem o grupo escolar. Almeida entende que:

A escola tanto quanto a família, tem seu papel no desenvolvimento infantil, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual, exercem um importante papel na personalidade da criança. (Almeida 2005, p. 106).

Corroboramos desse mesmo entendimento, já que cada uma das instituições: família e escola têm papel definido e importante na constituição de cada criança. Barbosa (2020, s. p.) entende que “A responsabilidade da escola inicia em contribuição com a da família; dessa forma a função da escola e família não termina, dando origem à um ciclo contínuo. Cada uma preocupando-se com as responsabilidades de estabelecer as relações específicas no tempo certo”. Já Fontana e David (1998, p. 162) ressaltam que para trabalhar a autoestima é primordial ter “criança com elevado grau de autoestima, apresenta desempenho consistentemente melhor do que crianças de habilidades semelhantes com baixa autoestima”.

É lógico que desenvolver confiança em suas conquistas gera uma autoimagem favorável e a criança tem maior chance de obter sucesso em suas atividades escolares. Ressalta disso que há a criação de vínculos afetivos entre professor e alunos e dos alunos com os conhecimentos. Corroborando Barbosa (2020, s. p.) afirmamos que:

A escola tem ligação direta com a vida da criança, acolhendo e oferecendo condições para o desenvolvimento da autoestima, autoconfiança e de um bom autoconceito, elementos importantes para

a aprendizagem e para a construção de sua identidade e autonomia, situando-se na realidade para elaborar e concretizar com determinação seus projetos de vida.

7.3- A afetividade e o processo de aprendizagem na visão de Henri Wallon

O processo de ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda, onde a relação interpessoal professor-aluno, é um fator determinante. Esses atores são concretos, históricos, trazendo na bagagem o que o meio até o momento lhe ofereceu; estão em desenvolvimento, processo que é aberto e permanente. O processo de ensino-aprendizagem é o recurso fundamental do professor, sua compreensão e o papel da afetividade nesse processo, é um elemento super importante para aumentar a sua eficácia, bem como para a elaboração de programas de formação de professores.

No polo ensino: temos um professor que, para atingir seus objetivos, deve ter clareza de alguns pontos como: – confiar na capacidade do aluno é fundamental para que o mesmo aprenda – ao ensinar, está promovendo o desenvolvimento do aluno e o seu próprio – que as emoções e sentimentos podem variar de intensidade, mas que estão presentes em todos os momentos da vida, interferindo de alguma forma em nossas atividades.

No polo aprendizagem: temos um aluno que busca a escola com motivações diferentes – que tem características próprias de acordo com as fases de seu desenvolvimento – tem saberes elaborados nas suas condições de existência – funciona de forma integrada; dimensões afetivas, cognitivas e motora interligadas. Ambos, professor e aluno, participam de vários meios, entre eles a escola; meio fundamental para o desenvolvimento de ambos, dando a oportunidade de participação em diferentes grupos.

A escolha de Henri Wallon para iluminar a questão da afetividade no processo de ensino-aprendizagem decorre de várias razões. Sua teoria psicogenética dá uma importante contribuição para a compreensão do processo de desenvolvimento e também para o processo de ensino-aprendizagem, dando subsídios para entender o aluno e o professor, e, a interação entre eles. Ao focalizar o meio como um dos conceitos fundamentais da teoria, coloca a questão do desenvolvimento no contexto no qual está inserido e a escola como um dos meios fundamentais para que esse desenvolvimento aconteça. Estabelece uma relação fecunda entre psicologia e educação, onde Wallon afirma: “entre psicologia e educação, as relações não são de uma ciência normativa e de uma ciência ou arte aplicada”. Ou seja, psicologia e pedagogia constituem momentos complementares de uma mesma atitude experimental.

Henri Wallon, embora não sendo pedagogo, toda sua obra está impregnada de elementos que permitem a elaboração de uma proposta de Educação, pois colocou suas ideias de psicólogo e de educador a serviço da formulação do ensino francês, colaborando no projeto *Langevin-Wallon*; o projeto foi o resultado do trabalho, por três anos (1945 – 1957), de uma comissão de vinte membros, nomeados pelo Ministério da Educação Nacional, com a incumbência de reformar o sistema de ensino francês após a Segunda Guerra (durante a qual Wallon trabalhara na resistência francesa). Inicialmente, o físico Paul Langevin foi designado presidente da comissão, e, após sua morte, a presidência ficou a cargo de Wallon. A diretriz norteadora do projeto foi construir uma educação mais justa para uma sociedade mais justa. As ações propostas repousam sobre quatro princípios:

- 1- Justiça:** Qualquer criança, qualquer jovem, independentemente de suas origens familiares, sociais, étnicas, tem igual direito ao desenvolvimento completo; a única limitação que pode ter é a de suas próprias aptidões.
- 2- Dignidade igual de todas as ocupações:** Todas as ocupações, todas as profissões, se revestem de igual dignidade; o trabalho manual e a inteligência prática não podem ser subestimados. A educação não deverá fomentar o predomínio da atividade manual ou intelectual em funções de razões de origem de classes ou étnicas.
- 3- Orientação:** O desenvolvimento das aptidões individuais exige primeiro orientação escolar, depois orientação profissional.
- 4- Cultura geral:** Não pode haver especialização profissional sem cultura geral. N'um estado democrático, no qual todo trabalhador deve ser um cidadão, é indispensável que a socialização não seja um obstáculo para a compreensão dos problemas mais amplos; só uma sólida cultura geral libera o homem dos estreitos limites da técnica; a cultura geral aproxima os homens, enquanto a cultura específica os afasta.

7.4- A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon

Os conceitos, princípios e direções expressos na teoria de desenvolvimento de Henri Wallon são instrumentos que nos auxiliam na compreensão do processo de constituição da pessoa, no movimento que vai de bebê a adulto, conforme o modelo que a cultura de seu tempo disponibiliza.

A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon é um instrumento que pode ampliar a compreensão do professor sobre as possibilidades do aluno no processo de ensino-

aprendizagem e fornecer elementos para uma reflexão de como o ensino pode criar intencionalmente condições para favorecer esse processo, proporcionando a aprendizagem de novos comportamentos, novas ideias, novos valores. Na medida em que a teoria de desenvolvimento descreve características de cada estágio, está também oferecendo elementos para tornar o ensino-aprendizagem mais produtivo, possibilitando ao professor acessar pontos de referência para orientar e experimentar atividades adequadas aos alunos em sala de aula. A identificação das características de cada estágio pelo professor, permitirá planejar atividades que promovam um entrosamento mais produtivo, conforme se apresentem em seus alunos e as atividades de ensino. Daí a importância de o professor encarar a teoria como um conjunto sistematizado de proposições hipotéticas a serem constantemente testadas, verificadas nos confrontos com os resultados do processo de ensino-aprendizagem do aluno. Nesse sentido, uma teoria de desenvolvimento assume três funções paralelas e complementares: dá previsibilidade a rotina, oferece subsídios para o questionamento e o enriquecimento da prática e da própria teoria, possibilita alternativas de ação com maior autonomia e segurança.

Na teoria psicogenética de Wallon, o eixo principal na teoria de desenvolvimento é a integração em dois sentidos.

- Integração organismo-meio
- Integração cognitiva-afetiva-motora

1- Integração organismo-meio

Partindo de uma perspectiva psicogenética, a teoria de desenvolvimento de Wallon assume que o desenvolvimento da pessoa se faz a partir da interação do potencial genético, típico da espécie e uma grande variedade de fatores ambientais. O foco da teoria é essa interação da criança com o meio, uma relação complementar entre os fatores orgânicos e os socioculturais. Afirma Wallon:

Estas revoluções de idade para idade não são improvisadas por cada indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são sem dúvida indispensáveis para que elas se manifestem e quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que para cada um é a do meio!... (Wallon, 1995 p. 210).

Nesta citação, Wallon coloca a questão do desenvolvimento no contexto a qual o indivíduo está inserido; a realização do potencial herdado geneticamente, vai depender das condições do meio que podem modificar as manifestações das determinações genotípicas.

2- Integração afetiva-cognitiva-motora

Os conjuntos ou domínios funcionais são a base de que a teoria se vale para explicar o psiquismo e didaticamente o que é inseparável a pessoa. O conjunto afetivo oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e paixões. O conjunto ato motor oferece a possibilidade de deslocamento do corpo no tempo e no espaço, as reações posturais que garantem o equilíbrio corporal, bem como o apoio tônico para as emoções e sentimentos se expressarem. O conjunto cognitivo oferece várias agregações de funções que permitem a aquisição e a manutenção do conhecimento por meio de imagens, noções, ideias e representações. É ele que permite ainda, registrar e rever o passado, fixar e analisar o presente e projetar futuros possíveis e imaginários. A pessoa – o 4º conjunto funcional – expressa a integração em todas as suas inúmeras possibilidades.

Em cada estágio de desenvolvimento (*Wallon propõe os seguintes estágios: impulsivo-emocional – 0 a 01 ano; sensório-motor e projetivo – 01 a 03 anos; personalismo – 03 a 06 anos; categorial – 07 a 11 anos; puberdade ou adolescência – 12 anos em diante*), um dos conjuntos predomina, isto é, fica mais em evidência, embora os outros também estejam presentes numa relação recíproca e complementar. Assim é, que o conjunto afetivo está mais evidenciado nos estágios do personalismo e da adolescência.

8- OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO

Fica mais fácil entender quando estudamos como a neurociência explica a aprendizagem. Um dos conceitos mais básicos é o de desenvolvimento cognitivo, que ganhou notoriedade na pedagogia com os estudos de Jean Piaget (1896 – 1980).

- **O que significa cognição?** - Cognição é capacidade que todo indivíduo tem de processar informações que se originam de diferentes fontes para transformá-las em

conhecimento; elas podem vir da percepção dos estímulos do ambiente, da experiência e de nossas características pessoais, como crenças e valores. De forma geral, o termo “cognição” se refere ao que está relacionado ao conhecimento, ou seja, ao acúmulo de informações adquiridas por meio da aprendizagem e da experiência. Esse processo é estudado por diferentes campos científicos, como a neurociência, a psicologia e a antropologia.

A psicologia em especial, deu grandes contribuições para entendermos como o processamento das informações influencia o nosso comportamento e como adquirimos conhecimento. Foi Jean Piaget quem trouxe grandes avanços para a pesquisa sobre o desenvolvimento cognitivo e aprendizagem.

- **Os processos cognitivos:** - São os recursos que todo indivíduo tem para adquirir, processar e transformar informações, que também vão ajudar na tomada de decisões. Eles podem se manifestar de forma orgânica ou artificial, consciente ou inconsciente, mas sempre de maneira rápida e integrada.

Os processos cognitivos básicos são:

- **Percepção:** A percepção se refere à capacidade de adquirir novas informações por meio dos estímulos captados pelos sentidos que nos dá consciência sobre nosso corpo.
- **Atenção:** A atenção é fundamental no processamento de um estímulo ou atividade que se converterá em conhecimento. Ela é indispensável para a regulação dos demais processos cognitivos, da percepção a aprendizagem, e, conseqüentemente para o desenvolvimento cognitivo.
- **Memória:** A memória é a função cognitiva que nos ajuda a codificar, armazenar e acessar informações. Ela pode ser dividida em diferentes tipos, como: “memória de curto prazo – memória de longo prazo – memória declarativa e memória processual”.
- **Pensamento:** O pensamento é o que nos permite unir todas as informações recebidas via os demais processos cognitivos, além de criar relações entre acontecimentos e conhecimento. Para isso, o pensamento recorre as funções executivas como, o raciocínio, a síntese e a resolução de problemas.
- **Linguagem:** A linguagem é a capacidade de se expressar por meio de palavras, sendo indispensável para a comunicação, organização e transmissão de informações.

- **Aprendizagem:** É o processo cognitivo em que novas informações são adicionadas ao conhecimento prévio do indivíduo, como novos comportamentos e hábitos.

A partir dos estudos desenvolvidos pelo psicólogo Jean Piaget em seu método de observação da Educação Infantil, foi possível perceber como as crianças pensam e desenvolvem seu aprendizado. Ele notou que o conhecimento não está na criança e nem no objeto de estudo, mas sim na interação de ambos. Foi necessário a intervenção de uma pedagogia experimental e alternativa, em que a criança é ensinada a pensar e tirar suas próprias definições do que é real, e, não somente copiar o que vê. O objetivo principal da educação deve ser o de incentivar as crianças para que aprendam por si mesmos.

Para Piaget, o professor deve respeitar os estágios de desenvolvimento cognitivo infantil, para que seja possível alcançar o sucesso do aprendizado e do amadurecimento da consciência de seus alunos. Os estágios do desenvolvimento sanados por Jean Piaget são:

Impulsivo-emocional (0 a 01 ano): Predominantemente afetivo, onde o sujeito se expressa por meio de movimentos corporais, do contato e do toque, o aprendizado nessa fase demanda presença e qualidade de troca corporal intensa, que passa pelo tato e pela segurança do embalo. É a partir da fusão com o outro que a criança interage com o ambiente, participa, se familiariza e aprende sobre o mundo que o cerca.

Sensório-motor e projetivo (01 a 03 anos): Neste estágio se estabelece uma relação intensa com os objetos através do contato e se inicia a indagação persistente sobre o que eles são, seus nomes e para que servem. Esse é o momento em que o processo de ensino-aprendizagem, solicita do educador a disposição em oferecer situações e espaços diversificados, para que os alunos possam entrar em contato com os vários objetos de ensino e vivências, possibilitando o processo de diferenciação em relação a cada um deles.

Pré-operatório ou personalismo (03 a 06 anos): Esse é o estágio em que a criança começa a se descobrir diferentemente das outras e dos adultos, desenvolvem representações mentais internas, abrindo caminho para o desenvolvimento do raciocínio lógico e, a diferenciação que se dá entre a criança e o outro; nessa fase é importante que a criança entre em contato com atividades que possibilitem o exercício da escolha e com crianças de outras idades. O mais importante nesse estágio é reconhecer e respeitar as diferenças que começam a surgir, valorizando e dando oportunidade de expressão a essas diferenças.

Operatório concreto ou categorial (07 a 11 anos): Aqui ocorre a diferenciação mais intensa e nítida entre o eu e o outro, o que fornece a estabilidade necessária para a exploração

das diferenças e semelhanças entre objetos, imagens, conceitos e ideias. Nessa fase é importante levar em consideração tanto o que o aluno já sabe, bem como diagnosticar o que ele precisa aprender para ter domínio sobre certas ideias. A descoberta do mundo dependerá das experiências que favoreçam o seu desenvolvimento, sentimentos e valores que auxiliam a continuidade e a ampliação dessas descobertas. Nesta fase, o egocentrismo entra em declínio e é substituído pelo pensamento operatório; a criança é capaz de ver o mundo pela perspectiva do outro e desenvolve a capacidade de argumentação de seu próprio raciocínio perante os demais. É nesta fase que as crianças também iniciam o desenvolvimento do senso moral e código de valores.

Operatório formal ou adolescência (12 anos em diante): Aqui se delimita de maneira mais clara e precisa, o reconhecimento da singularidade e autonomia do sujeito, com valores e sentimentos próprios, mediante ações de confronto e autoafirmação. Nesta fase a criança já é capaz de raciocinar logicamente e de forma abstrata, com base naquilo que não tem forma concreta; além disso, a sofisticação do processo conceitual e linguístico continua a crescer.

Diante dessa explanação, notamos dentre outros motivos, a importância das relações sociais e afetivas na construção do **eu** e do **outro**, num processo concomitante de diferenciações e socializações. Wallon mostrou que as crianças possuem corpo e emoções na sala de aula, pois sua teoria diz que, o desenvolvimento intelectual envolve muito mais que um simples cérebro. As reflexões apontadas por Vygotsky, Wallon e Piaget, consideram o pensar e o sentir aspectos fundamentais para o aprendizado, esses autores convergem seus postulados teóricos, ao defender a ideia de que a evolução da afetividade, depende das construções realizadas no plano da inteligência, dessa forma, a evolução da inteligência depende das construções afetivas.

Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação, o sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de construção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro. Portanto, a sala de aula precisa ser espaço de formação e de humanização, onde a afetividade, em suas diferentes manifestações, possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afeto e o intelectual são faces de uma mesma realidade – O desenvolvimento humano.

9- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos vários exemplos e leituras realizadas ao desenvolver desta pesquisa, foi possível concluir que a afetividade é sim, essencial e indispensável no processo de ensino-aprendizagem, tanto quanto para o desenvolvimento das pessoas. É impossível desconsiderá-la no desenvolvimento do ensino e no dinamismo das atividades, pois a mesma tem a capacidade de despertar nos alunos maior vontade de aprender, motivação, atenção e envolvimento com o ensino. O professor que se utiliza do afeto e do carinho, pode melhor atrair o interesse do aluno para a aprendizagem, deixando de lado aquele velho autoritarismo que por muito tempo apavorou as crianças e que desconsidera seu lado afetivo e emocional. Assim o professor deve saber mediar a afetividade em sala de aula, não para formar crianças mimadas e cheias de si, mas sim, para preparar para a vida, seres humanos íntegros e conscientes de seu papel na sociedade.

O afeto não é qualificável, mas é visível quando é de mais ou quando está faltando, é notório o comportamento das crianças quando vivem n'um afetivamente estável e quando não; o que faz com que a criança se sinta parte de algo ou que não faça parte de algo nenhum. Tudo vai depender dos vínculos afetivos a qual as crianças são submetidas.

Um ensino baseado na mera aplicação de conteúdos, que desconsidera o aspecto afetivo, acaba por deixar o aluno menos a vontade, ansiosos e com medo de participar, ocasionando a dificuldade no relacionamento com o professor e conseqüentemente resultando em um aprendizado deficiente e fragmentado. Inúmeros teóricos, pensadores e estudiosos da educação, são unânimes em defender a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, pois a mesma precisa ser entendida como ferramenta metodológica de ensino e não é apenas mais um modismo.

É imprescindível que no contexto escolar, trabalhem a articulação da afetividade-aprendizagem-ensino nas mais variadas dimensões e situações, considerando-a como essencial na prática pedagógica. Portanto, a afetividade entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o exercício do diálogo, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto, o saber escutar e dizer, configuram-se como elementos de fundamental importância para a aprendizagem e o desenvolvimento de ser humano.

Toda a finalidade deste estudo está voltada consideravelmente para a reflexão sobre a importância da Afetividade para a Educação Infantil, para a consolidação dos processos de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano. A partir da organização de conceitos acerca

da afetividade, dos processos de ensino aprendizagem e da Educação Infantil, foram descritas e relatadas experiências de um ambiente escolar que foi estudado com a finalidade de destacar na prática, os benefícios de uma ação educativa com cunho afetivo, voltada integralmente para o desenvolvimento e bem estar dos educandos. Deixando claro para todos que tenham interesse em saber que, a presença do afeto é fundamental para que cada criança seja vista e tratada como única, tendo suas singularidades e aptidões respeitadas, sem desconsiderar suas limitações, tendo seu ritmo respeitado.

Todos os resultados apontam para a conclusão de que a afetividade deve estar presente em todos os contextos pedagógicos, em suas práticas, em suas bases construtivas, em seu cotidiano, permeabilizando a Educação Infantil pautada pelo respeito e valorização. Portanto, entendemos que o afeto se configura como um ato de sensibilidade do trabalho educativo, seja no ambiente escolar ou não. De sorte que não se concebe o desenvolvimento do indivíduo, da sua intelectualidade, sem pensar na afetividade, que é, como foi visto, a energia, o motor de impulsão, que leva o sujeito para frente e que o faz mais humano. O indivíduo como ser social que é, necessita das interações para aprender, para se desenvolver, necessita dar e receber, numa troca enriquecedora e que acontece desde o início da vida, na família, depois na escola, no trabalho, na vida social. A vivência da afetividade portanto, tem vital importância no desenvolvimento do ser humano como um todo.

Tal entendimento por parte da família e da escola, é primordial para que problemas como, indisciplina, desatenção, deficiência ou ausência de aprendizagem, tão comuns hoje em dia, possam ser evitados, minimizados ou mais adequadamente solucionados.

10- REFERÊNCIAS

BARBOSA, Eliane dos Santos. Afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>.

Fernanda Sala – 01 de outubro / 2021. Martins Fontes Editora LTDA, 1998 – VYGOTSKY, LS – LURIA. A. R. & LEONTIEV A.N, linguagens, desenvolvimento, aprendizagem, São Paulo 1998.

Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade. Bebedouro – SP, 2 (1): 59-72, 2015.

Colégio Marupiara Ltda@ todos os direitos reservados. 2017

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de & DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão.** 6º ed. São Paulo 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia; saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: paz e terra 1996.

GRUPO MARISTA, 2019 – Educação Infantil – desenvolvimento e aprendizagem da criança. Desenvolvido por **Job Space.**

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL (DCNEI, Resolução CNE/CBE nº 5/2009).

Brasil (26): Emenda Constitucional nº 59 de 11 de novembro de 2009. Diário oficial da União, Brasília 2009.

Brasil (27): Conselho Nacional de Educação: Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009.

FIXA DIRETRIZES Curriculares Nacional para **Educação Infantil.** (diário oficial da União, Brasília / 2009).

Codo, W (2000). Educação, carinho e trabalho. Petrópolis, RJ/Brasília, Vozes. Conf. Nacional dos trabalhadores em Educação/Universidade de Brasília.

BEZERRA, Ricardo José Lima. **Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção.** Revista Didática Sistêmica, UFRS 2006

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.** In LA TAILLE: São Paulo Summus 1992.

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade de Henri Wallon.** novaescola@fvc.org.br. Outubro de 2011.

